



AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
<http://ageconsearch.umn.edu>
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*



FEIRAS LIVRES DO BREJO PARAIBANO: CRISE E
PERSPECTIVAS

EDILMA PINTO COUTINHO; HALANNA CAVALCANTE DA NÓBREGA
NEVES; HAMANDA CAVALCANTE DA NOBRÉGA NEVES; EURIDES
MARCÍLIO GINU DA SILVA;

UFPB

BANANEIRAS - PB - BRASIL

pintocoutinho@uol.com.br

APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR

COMERCIALIZAÇÃO, MERCADOS E PREÇOS AGRÍCOLAS

Feiras livres do Brejo Paraibano: crise e perspectivas

RESUMO: Historicamente, as feiras livres se consolidaram como importante estrutura de suprimento de alimentos das cidades, especialmente as interioranas. No Nordeste, a feira é uma relevante atividade que promove o desenvolvimento econômico, social e cultural, facilitando o escoamento da produção familiar, comercializando alimentos com preços reduzidos, valorizando a produção artesanal, promovendo a integração social e preservando hábitos culturais. O crescimento das redes de supermercado e as novas exigências do consumo moderno ameaçam a sobrevivência das feiras livres, que apresentam graves problemas ligados à higiene, apresentação e qualidade dos alimentos, colocando em risco a saúde do consumidor. Tal fato repercute no tamanho das feiras e nas oportunidades de negócio: muitos comerciantes reduzem seus lucros ou até abandonam a atividade. Diante do cenário, o presente trabalho objetivou traçar um perfil dos feirantes que comercializam gêneros alimentícios nas principais feiras livres do Brejo Paraibano, enfocando suas condições de trabalho. Foram realizadas visitas às feiras dos municípios de Bananeiras, Solânea, Remígio, Esperança, Guarabira e João Pessoa, locais onde foram realizadas entrevistas e aplicados questionários. A comercialização em feiras livres apresenta baixa lucratividade, mesmo assim, observou-se intensa contratação de empregados. O trabalho é caracterizado pela informalidade, baixa remuneração, carga horária elevada e muito desconforto.

Palavras-chaves: feira livre, comercialização de alimentos, Brejo Paraibano.

1. Introdução

Segundo Vieira (2004), as feiras livres constituem-se em uma prática comercial muito antiga, que garante o suprimento de gêneros alimentícios das cidades nordestinas. Embora percebida como modelo comercial ultrapassado, que preserva características medievais, as feiras promovem o desenvolvimento econômico e social, fomentando a economia das pequenas cidades interioranas.

Quanto menor o município, mais importante a feira para o seu desenvolvimento local, pois garante a comercialização da produção familiar, da pequena agroindústria e de produtos artesanais. A feira também favorece outros setores da economia, através da circulação de capital pelos feirantes, que após a comercialização de seus produtos, costumam comprar a vista em vários estabelecimentos do município, tais como supermercados, lojas de roupas, sapatos, produtos agrícolas, farmácias, material de construção, etc.

Dolzani e Jesus (2004) descrevem a feira como um microcosmo do panorama sócio-econômico e cultural de algumas cidades. Pode-se acrescentar que a feira não se configura apenas como uma arena de compra e venda, mas também de encontros e lazer, é um fato social com características peculiares. Nela, as pessoas se encontram, trocam informações, fazem articulações políticas ou simplesmente se divertem. Registrando aspectos das feiras de Minas Gerais, Ribeiro *et al* (2005) descrevem que muitos homens vão à feira por lazer, “para comer pastel, ver amigos e conversar fiado”.

A feira livre tem resistido às inovações contemporâneas, sem acompanhar a evolução dos mercados e dos serviços prestados ao consumidor na comercialização de alimentos. Observa-se que as feiras apresentam problemas como: falta de higiene, má estrutura das barracas, comercialização de produtos não permitidos, falta de segurança e desorganização. Tais problemas colocam em risco a sobrevivência das feiras, agravando-se pela falta de fiscalização e inadequação das instalações e péssimas condições de trabalho.

O cenário de evolução das feiras apresenta inúmeras possibilidades de pesquisa, podendo ser avaliado tanto seus aspectos econômicos como sociais e culturais. O objetivo principal deste trabalho foi traçar um perfil dos feirantes que comercializam alimentos nas principais feiras livres do Brejo Paraibano, enfocando as suas condições de trabalho. Os objetivos específicos foram realizar levantamento dos principais problemas enfrentados pelos feirantes, analisar fatores socioculturais e investigar as relações trabalhistas entre comerciantes e seus empregados.

O trabalho fundamentou-se em modelo de pesquisa quantitativo e qualitativo. As fontes de dados são primárias e secundárias: Os dados primários foram coletados através de entrevistas e questionários, que foram aplicados aos feirantes, incluindo comerciantes e funcionários; os dados secundários foram pesquisados da literatura disponível.

A área da pesquisa está centralizada no Brejo Paraibano por compreender que esta região é a principal produtora de alimentos do estado. Foram realizadas visitas às feiras dos municípios de Bananeiras, Solânea, Remígio, Esperança e Guarabira. Visando fazer uma comparação com o universo urbano, também se avaliou uma tradicional feira de João Pessoa, conhecida

como Feira de Oitizeiro. Na ocasião das visitas, foi realizado um registro fotográfico, buscando imagens que retratassem a realidade observada.

A pesquisa tem caráter exploratório e demanda trabalhos posteriores, que possibilitem o aprofundamento nas questões inicialmente avaliadas. Além disso, o universo da feira livre com seus aspectos econômicos, sociais e culturais oferece um conteúdo de grande riqueza, difícil de se esgotar.

2. Importância das feiras para os municípios do Brejo Paraibano

Vieira (2004) descreve que a feira é um importante mecanismo de suprimento de gêneros alimentícios e existe desde o período da colonização. Nos primórdios, as barracas se localizavam nos portos, locais onde se vendiam pescados e outros produtos. O comércio era informal, até que em 1771, o Marquês do Lavradio, 3º Vice Rei do Brasil, criou a primeira lei que visou regularizar a atividade e autorizou o funcionamento dos mercados de alimentos nas ruas. A partir de então, este comércio adquiriu as atuais características de feira livre. Em 1904, através do decreto nº 997, as feiras foram reconhecidas formalmente pela administração pública, autorizando o seu funcionamento aos sábados, Domingos e feriados.

Segundo o artigo 1º do Decreto nº235 de 15 de janeiro de 1992, a feira livre é considerada atividade realizada em local previamente designado, em instalações provisórias ou definitivas, de caráter cíclico, para comercialização de produtos hortifrutigranjeiros, cereais, produtos de artesanato, pescado, aves, flores, plantas, doces, laticínios, carne de sol, lanches e confecções.

Em todo país, existe abundante legislação que regulamenta o funcionamento das feiras livres. Geralmente, essas leis estão no âmbito do poder municipal e regularizam sobre implantação, licenciamento, grupos de comércio, critérios de aceitação de feirantes, localização, dias e horários de funcionamento, cobranças e/ou isenção de taxas, práticas comerciais, exigências sanitárias. Segundo Capistrano *et al* (2004), apesar da existência de leis e decretos, a maioria das normas exigidas não está sendo obedecida, uma vez que os órgãos fiscalizadores não priorizam as feiras.

A feira é uma questão socioeconômica relevante e atende a diferentes grupos sociais. Segundo Ribeiro *et al* (2005), os produtores rurais garantem a comercialização da produção, que de outra forma seria difícil nessa economia de pouca liquidez. Os autores ainda relatam que os consumidores ganham porque têm garantia do abastecimento regular, de qualidade e, principalmente, adaptado aos seus hábitos alimentares. Por fim, também ganham os comerciantes locais, uma vez que após venderem seus produtos, os feirantes adquirem bens de consumo. De fato, os feirantes gastam tudo ou parte do que recebem no comércio da cidade, favorecendo a permanência do dinheiro na esfera municipal.

Ribeiro *et al* (2005) observaram que a maioria dos feirantes comercializa produtos oriundos do seu próprio trabalho, criando uma interação direta entre produtor e comprador, uma relação valorizada pelos consumidores. Nascimento (1999) argumenta que tal fato demonstra a importância da feira em contribuir para consolidar a relação campo/cidade, uma vez que coloca a produção rural para ser consumida no meio urbano.

Convém salientar que nem todos feirantes são produtores rurais, existem muitos intermediários comercializando na feira, mas que podem desempenhar importante papel no abastecimento de gêneros alimentício, uma vez que trazem produtos oriundos de outras localidades e que não são produzidos na região. Os intermediários também podem beneficiar



a pequena produção familiar, na medida que proporciona o escoamento de bens cujos produtores não têm condições de participar da etapa de comercialização.

A variedade de produtos concentrada num mesmo lugar e os preços reduzidos são dois grandes atrativos da feira, que possibilitam o consumo nas camadas da população de menor poder aquisitivo. A feira recebe consumidores com variadas capacidades de compra, no entanto, para o consumidor de baixa renda, se intensifica a importância da feira, tanto pelos preços praticados, como pela disponibilidade de produtos populares e pela facilidade de acesso.

Os baixos preços das feiras livres provocam a concorrência e contribuem para equilibrar o mercado. Comumente, nos dias de feira, os supermercados oferecerem promoções vantajosas para seus clientes. Vasquez (2003) registra que em Governador Valadares/MG, a partir do surgimento de uma feira, os supermercados e sacolões ficaram mais atentos aos preços e essa concorrência saudável resultou na oferta de alimentos com melhores preços para a população.

Capistrano *et al* (2004) valorizam o caráter supletivo de abastecimento nas feiras e relatam que as mesmas são freqüentadas, na sua maioria, pela parcela da população que já possui hábito de ir à feira, como donas-de-casa e idosos, que possuem tempo disponível ou que não possuem veículos próprios.

As condições de trabalho nas feiras são precárias e oferecem baixa remuneração. Vieira (2004) entrevistou feirantes da feira do município de Taperoá/PB, que revelaram os motivos de sua permanência na atividade. Segundo a pesquisa, a falta de emprego é fator preponderante para a continuidade do trabalho frente a todas dificuldades vivenciadas.

Conforme os preceitos de Santos (1979), a feira insere-se no circuito inferior da economia, por ser evidenciada a restrição de sua área de atuação e abrangência, sendo uma atividade constituída de baixo nível de lucratividade e que, conseqüentemente, tenderá a geração de uma concentração de pobreza em estado dinâmico cíclico.

Vieira (2004) destaca a feira como uma relevante fonte de sobrevivência para os comerciantes. Segundo o autor, para muitos, é a única fonte de renda ou importante complementação salarial. Da mesma forma, Dolzani e Jesus (2004) ressaltam a feira livre como uma possibilidade de sobrevivência para todos aqueles que se encontram à margem do processo modernizador e, portanto, há muito tempo não conseguem ter acesso aos direitos pregados por este ideal.

O que se observa é que a feira também fomenta o desenvolvimento de outras atividades, este é o caso, por exemplo, do sistema de transporte, cujos profissionais são bastante beneficiados. Nos dias de feira, é grande a movimentação de caminhões, Kombis, vans e até táxis para transportar mercadorias, feirantes e consumidores. Os Vigilantes, carregadores e flanelinhas são exemplo de outras classes de trabalhadores favorecidas pelas feiras livres.

A feira se insere no setor informal, na economia de subsistência, contudo, tais aspectos não podem minimizar a sua importância: a feira é um espaço para comercialização da pequena produção rural; é a base de suprimento de gêneros alimentícios de pequenas cidades; é palco de luta pela sobrevivência tanto para comerciantes como para consumidores. A feira é uma relevante atividade que promove o desenvolvimento econômico e social.

3. Caos e criatividade

Como numa sala de espelhos, a feira livre pode refletir uma imagem positiva ou negativa, dependendo do ângulo que é observada. Do ponto de vista cultural, a feira livre é uma importante instituição que resguarda tradições, indiferente ao processo de modernização. No entanto, se este processo de resistência transforma a feira num autêntico museu a céu aberto, também coloca em risco a sua continuidade, uma vez que a manipulação dos alimentos comercializados reproduz práticas ultrapassadas e apresenta graves problemas higiênicos-sanitários, que podem, inclusive, prejudicar a saúde do consumidor.

Convém ressaltar que os problemas higiênicos que tanto afetam as feiras livres não são exclusividade do Nordeste. Oliveira *et al* (2005) relacionam vários problemas nas feiras livres no município de Ouro Preto/MG. Segundo os autores, foi observado que os feirantes não conhecem as normas para manipulação de alimentos; os gêneros alimentícios são comercializados sem registro, rótulos e data de validade; são expostos ao sol, no chão ou em tableiros sujos e são embalados diretamente em jornais e papeis velhos.

Pesquisando feiras no Município de São Paulo, Capistrano *et al* (2004) identificaram problemas relacionados às condições de higiene e sanitização. Dentre as inadequações que colocam em risco a saúde da população, os autores observaram: falta de procedência da água de abastecimento das barracas, que pode ser usada na lavagem de mãos e utensílios; falta de procedência do gelo utilizado para refrigerar alimentos; falta de conhecimento dos hábitos de higiene por parte dos feirantes; presença de insetos; alimentos folhosos mantidos sobre jornal, diretamente no chão; pescado mantido em temperatura ambiente e com procedência duvidosa; comercialização de carnes não permitidas como “pulmões” e “garganta” de bovinos que deveriam ser usadas apenas como ração animal; grande quantidade de lixo, provocando odor desagradável; produtos químicos sendo comercializados ao lado de alimentos e preparação de pastéis com óleo reutilizado.

A inadequação das feiras livres às práticas comerciais contemporâneas não se restringe às questões relacionadas à saúde. O conforto, a segurança e o direito do consumidor também são negligenciados. Este é o caso, por exemplo, da pesagem dos produtos, que normalmente é realizada em balanças antigas, sem aferição do INMETRO, fato que pode repercutir em prejuízo para o comprador.

Diante de tal cenário, a maioria das feiras está operando a revelia dos órgãos fiscalizadores, facilitando o desrespeito à legislação sanitária vigente. Por sua vez, a feira geralmente não é contemplada nas políticas públicas e quase inexistem programas de apoio e incentivo. Ribeiro *et al* (2005) comentam que embora as feiras sejam importantes para a agricultura familiar e consumidores, para o comércio e a cultura local, raramente merecem atenção de programas, governamentais ou não.

A falta de incentivo repercute na dinâmica dos empreendimentos, com os feirantes trabalhando sem capacitação técnica e gerencial. Conforme já relatado, os mesmos desconhecem as técnicas adequadas de manipulação de alimentos, da mesma forma, não



sabem como gerenciar um pequeno negócio. Além disso, é preciso ressaltar que a falta de recursos impossibilita que os feirantes possam investir em infraestrutura, trabalhando com equipamentos sucateados.

Para Dolzani e Jesus (2004), a falta de incentivo público e a fiscalização inexistente ou precária em contraposição às modernizações sucessivas dos supermercados têm contribuído para uma efetiva diminuição deste comércio em número de feira e quantidade de feirantes.

Ribeiro *et al* (2005) relatam iniciativas recentes que estão ajudando a mudar a realidade de feiras livres, como o Programa de Apoio às Feiras Livres do Alto e Médio Jequitinhonha, que tem como objetivo pesquisar feiras, identificar problemas, soluções alternativas, além de propor ações concentradas para seu melhoramento. Segundo os autores, as ações exigem mais boa vontade que dinheiro e repercutem diretamente na qualidade e no preço dos produtos ofertado, no atendimento aos consumidores e na rentabilidade do investimento.

A reinvenção da feira a partir da incorporação de práticas higiênicas, da capacitação gerencial e da união entre os feirantes certamente irá atrair novos clientes, especialmente aqueles de melhor poder aquisitivo. No entanto, a feira necessita proteger os seus aspectos folclóricos e culturais, principal fator de diferenciação, pois existe uma clientela fiel, que a frequenta sem incomodar-se com seus mais graves problemas, em busca de produtos mais naturais e artesanais, pelos preços populares, pelo burburinho dos transeuntes e comerciantes, pela variedade de produtos, pela possibilidade da pechincha, pelos encontros.

Além dos gêneros alimentícios, a feira oferta uma variedade de produtos que pode agradar toda família: as mulheres ainda compram ervas para as garrafadas e banhos de assento, colher de pau, abanador, balaio, vassoura de palha, panela e jarra de barro, abridor de lata que funciona, varinha para limpar a boca do fogão e tanto outros utensílios dificilmente encontrados em supermercados; as meninas podem se encantar com as bonecas de pano, as panelinhas de barro, os moveis de madeira; para os meninos, têm bodoque, pião, cavalinho de madeira, carros de madeira ou latão; os homens também podem encontrar uma boa cachaça, chapéu de palha, cinturão de couro cru, material para criação de animais e montaria. Por fim, certamente, toda a família gosta de tomar caldo de cana com pastel.

A primeira vista, a feira é um lugar muito desorganizado, no entanto, seu espaço é dividido em setores, conforme os produtos vendidos: carnes, hortifrutis, lanches e refeições, utilidades, vestuários, etc. Para Moreira (1996), apesar da aparente desarrumação, a feira livre obedece a uma harmônica e natural organização, sendo dividida em feiras menores.

O burburinho das feiras é o resultado do intenso encontro de pessoas e, principalmente, do apelo criativo dos comerciantes para atrair seus fregueses. Eles batem palmas, gritam, oferecem amostras grátis, fazem promoções ou pronunciam bordões engraçados como “moça bonita não paga, mas também não leva”. Embora desconhecendo técnicas de comercialização, os feirantes são talentosos na arte da venda, até porque, disso depende a sua sobrevivência.

Segundo Silva (2004), quando os feirantes transformam os transeuntes desconhecidos em visitantes da sua barraca, estão utilizando técnicas do Marketing de Interrupção. O autor também destaca que quando os futuros clientes chegam até a barraca e os feirantes lhes oferecem uma pequena amostra da fruta, do queijo ou do doce que está sendo vendido, estão utilizando técnicas do Marketing de Permissão. Segundo o autor, isso serve para mostrar a qualidade do produto e criar fidelidade, pois aquela mercadoria é pega geralmente no meio de todas as outras, não deixando dúvidas sobre a sua qualidade e a dos demais produtos oferecidos.



Os preços apresentam grandes variações durante o dia. Ribeiro *et al* (2005) descrevem que entre 6h e 9h30, estão à venda os produtos com preços mais elevados e há predominância de consumidores com maior poder aquisitivo; após 9h30, a situação se inverte, ou seja, os preços caem e o número de pessoas com menor poder aquisitivo cresce.

A inconstância dos preços dificulta o cálculo da margem de lucro dos feirantes, por outro lado, possibilita maior negociação entre comerciantes e compradores, atraindo para a feira uma clientela especial, apaixonada pela barganha de preços. São os famosos “pechinheiros”, que freqüentam a feira em busca de produtos baratos. Para muitos, pechinchar é uma arte que independe do poder aquisitivo do cliente e consiste numa extensa negociação, com argumentos inteligentes e bem humorados. O pechinheiro tem preferência pelas feiras, uma vez que nas lojas e supermercados os preços são pré-estabelecidos.

Estigmatizada como um comércio anti-higiênico, ultrapassado e incompatível com as novas exigências do consumo moderno, a feira segue indiferente ao processo de modernização e de globalização, figura como foco de resistência de tradições locais, é um espetáculo de manifestações populares. Pode-se dizer que a feira é o prodigioso encontro do caos com a criatividade.

4. Realidade das feiras do Brejo da Paraíba

Para traçar um perfil dos feirantes e realizar um levantamento dos principais problemas das feiras do Brejo da Paraíba, visitou-se as feiras dos municípios de Bananeiras, Solânea, Remigio, Esperança e Guarabira. Também se realizou uma visita à Feira de Oitizeiro, que se localiza em João Pessoa, tendo como propósito comparar a realidade observada com os aspectos de uma feira urbana. Aplicou-se 112 questionários, 78 para homens e 34 para mulheres.

Priorizou-se os feirantes que comercializam gêneros alimentícios e utensílios para o seu processamento e preparo, tendo em vista que a literatura consultada antes dos trabalhos de campo mostrou a predominância dessa atividade na feira. Os vínculos desses feirantes com a produção familiar e a segurança alimentar também foram preponderantes na decisão.

A faixa etária dos entrevistados encontra-se 4,6% com idade inferior a 20 anos, 22,3% entre 20 a 30 anos, 32,3% entre 30 a 40 anos; 31,5% entre 40 a 50 anos e 9,3% com idade superior a 50 anos.

Nas feiras analisadas, observou-se que as carnes e os hortifrutis são os produtos mais vendidos. Entre os entrevistados, os produtos comercializados nas barracas foram: 32,8% hortifrutis, 17,4% carne bovina, 9,2% aves vivas ou abatidas; 9,2% pescado, 9,2% laticínios, 6,2% farinhas, grãos e cereais, 6,4% utilidades domésticas, 4,8% ervas e especiarias e 4,8% lanche e refeições. É importante registrar que as barracas caracterizadas como de laticínios, comercializam queijos de coalho e de manteiga, produtos tradicionais na região, processados em agroindústrias de pequeno porte e de administração familiar.

Convém ressaltar a presença de várias barracas que comercializam vestuário, calçados, material escolar, aviamento, produtos de limpeza, ferramentas, cigarros contrabandeados e CD's e DVD's piratas.

Conforme já argumentado, a feira é um dos raros locais onde se comercializa produtos artesanais, embora, tenha-se observado poucas barracas vendendo esses artefatos. Contrariamente, os produtos industriais como panelas de alumínio, potes plásticos e chinelo

de borracha são comercializados de forma intensiva, indicando que mesmo nos redutos da produção artesanal, a produção industrial surge como opção de substituição e domina o mercado, de forma a subtrair as possibilidades de sobrevivência da produção local.

Tabela I: Condições econômica de feirantes proprietários de barracas em feiras da Paraíba.

Município	Contratação de funcionários (%)		Nº de barracas na feira analisada (%)				Participação em feiras de outras cidades (%)	
	Sim	Não	1	2	3	4	Sim	Não
Bananeiras	92,47	7,53	93,34	3,33	3,33	0,00	93,75	6,25
Solânea	31,58	68,42	63,16	36,84	0,00	0,00	31,58	68,42
Remigio	41,70	58,30	83,33	16,67	0,00	0,00	41,67	58,33
Esperança	74,08	25,92	77,78	18,52	0,00	3,70	74,07	25,93
Guarabira	29,41	70,59	43,75	43,75	12,50	0,00	29,42	70,58
João Pessoa (Oitizeiro)	60,00	40,00	70,00	10,00	0,00	20,00	60,00	40,00
TOTAL	72,30	27,70	74,50	19,20	2,60	3,70	61,50	38,50

Fonte: Dados de pesquisa

A tabela I retrata as relações trabalhistas entre feirantes proprietários de barracas e seus empregados. Embora o trabalho familiar seja predominante, os dados revelam uma incidência significativa de contratação de auxiliares. Entre os entrevistados, 91,80% são proprietários de barracas e 8,20% são funcionários. Dos proprietários entrevistados, 72,30% têm empregados e 27,70% não têm. Bananeiras é o município que apresenta o maior número de contratação: 92,47% dos entrevistados têm empregados. O número de funcionário varia entre 1 a 2, ainda que se tenha encontrado 3 comerciantes em Solânea com 3 funcionários e 1 comerciante em Oitizeiro com 5 funcionários.

O questionário não abordou os fatores que motivam as contratações, no entanto, observou-se que todos os comerciantes que têm empregados também têm mais de uma banca na feira. Tal fato pode explicar a contratação de funcionários numa atividade que apresenta tão baixa lucratividade.

Também se observou que muitos comerciantes são auxiliados por membros da família, como esposa, filhos, cunhados e outros parentes. Neste caso, se os familiares morarem na mesma casa não recebem remuneração, uma vez que a renda arrecadada é destinada para o sustento da família.

O trabalho é caracterizado pela informalidade. Todos os empregados entrevistados não têm carteira assinada, por sua vez, também não pagam a previdência social como autônomo. A remuneração é diária, por comissão e varia entre R\$10,00 a 20,00. Desta forma, para o feirante conseguir uma renda igual ou próxima de um salário mínimo, deve participar de várias feiras semanalmente, inclusive, podendo ter mais de um patrão.

Uma vez que os municípios interioranos têm apenas uma feira por semana, os feirantes necessitam se deslocar entre as cidades circunvizinhas para poderem trabalhar em outras feiras. Esses deslocamentos têm implicações nos custos e na carga horária dos feirantes. O transporte é oneroso e costuma ser realizado durante a madrugada, reduzindo consideravelmente o tempo de descanso dos trabalhadores. De modo geral, tanto os feirantes proprietários como os funcionários têm carga horária de trabalho elevada. Durante entrevista, muitos relataram que trabalham mais de 12h seguida.

Na tabela I, verifica-se que os proprietários também necessitam participar de várias feiras. Segundo os dados coletados, 61,50% dos comerciantes têm barracas em mais de uma feira e, apenas, 38,50% limita-se a participação em uma feira. Pode-se acrescentar que 71,00% dos feirantes que são proprietários têm apenas uma fonte de renda. Durante as entrevistas, vários feirantes que têm mais de uma fonte de renda citaram que também são agricultores, caminhoneiros, pensionistas e funcionários públicos.

Os problemas higiênicos-sanitários encontrados nas feiras analisadas são similares aos relatados na literatura consultada. Durante as visitas, pode-se observar a presença intensiva de animais como cachorros e gatos, especialmente na área de comercialização de carnes; hortifrutis exposto ao sol e no chão; comercialização de carnes, aves e pescado sem refrigeração; acúmulo de lixo, deixando o ambiente malcheiroso e atraindo insetos; comerciantes manipulando dinheiro e alimentos simultaneamente.

Conforme relatado anteriormente, tais ocorrências são indicativos de falta de preparo dos feirantes para manipular produtos alimentícios, ausência de fiscalização e apoio de instituições públicas.

Quando questionados sobre os problemas que mais os afligem, os feirantes citaram a falta de apoio governamental, de infraestrutura adequada, de sistema de esgoto e coleta de lixo, de abastecimento de água potável e de instalações sanitárias como as questões mais difíceis de serem enfrentadas. É importante registrar que em algumas feiras ocorrem problemas peculiares, ou outros se intensificam. Pode-se citar como exemplo o município de Esperança, com os feirantes reclamando das taxas cobradas pela prefeitura. Na Feira de Oitizeiro, a segurança é questão crítica que vem afastando muitos consumidores, nessa mesma feira, as instalações sanitárias foi o item mais criticado pelos comerciantes. Durante entrevista, uma feirante de Oitizeiro reclamou da precariedade das instalações sanitárias, revelando que passava todo o dia de trabalho sem utilizar os banheiros, fato que lhe causava bastante incômodo.

A realidade das feiras é muito semelhante, inclusive, não se observou diferença significativa entre as feiras analisadas no Brejo Paraibano e a Feira de Oitizeiro, que se localiza em João Pessoa. O único item a ser considerado é a falta de segurança, problema típico das grandes cidades.

É interessante observar como as feiras são desprovidas de infraestrutura, não existem pias e, conseqüentemente, o abastecimento de água para realizar a higiene dos alimentos e de seus manipuladores. Da mesma forma, não existe sistema de esgoto e as águas utilizadas ficam empossadas, tornando-se perigosas fontes de contaminação.

Durante as visitas, se presenciou cenas insólitas, possivelmente conseqüência da falta de abastecimento de água, associada ao despreparo dos feirantes para manipular alimentos. Observou-se um feirante lavando as mãos e o rosto na água do esgoto, a única disponível. De

forma similar, um feirante de pescado lavou sua mercadoria numa água fétida, contida em um balde, que também era utilizada para a lavagem das mãos.

Tendo em vista as considerações anteriormente descritas, pode-se constatar que a feira é uma atividade de subsistência, mas que oferece várias oportunidades de trabalho. Por sua vez, tanto para os feirantes proprietários de barracas como para os seus funcionários, esse trabalho tem característica de subemprego, é marcado pela informalidade, baixa remuneração, carga horária elevada e muito desconforto.

5. Algumas recomendações

Diante da realidade observada, sugerem-se algumas ações que podem promover melhorias das atividades desenvolvidas nas feiras livres, beneficiando produtores rurais, feirantes, consumidores e todos aqueles cuja sobrevivência depende do sucesso das feiras. As ações educativas podem ser implantadas através de cursos, oficinas, palestras e veiculação de cartilhas.

- Consolidar parcerias entre instituições que trabalhem com produtores rurais, produção e comercialização de alimentos, legislação sanitária e cultura, como: por órgãos fiscalizadores, órgãos de defesa dos direitos dos consumidores, prefeituras, universidades e ONG's.
- Capacitar os feirantes para o manuseio adequado dos alimentos, em respeito à legislação sanitária vigente.
- Capacitar os feirantes para gerenciar o seu empreendimento, valorizando a sua realidade e as suas características sócio-culturais.
- Incentivar a organização dos feirantes, inclusive com criação de associações.
- Orientar os consumidores quanto aos padrões a serem observados durante a compra de alimentos.
- Intensificar a atuação dos órgãos fiscalizadores, desde que priorizem ações educativas e não punitivas.
- Desenvolver material de divulgação das feiras livres, valorizando sua aspectos econômicos, sociais e culturais.
- Incentivar as manifestações culturais nas feiras, como a venda de artesanato e cordel e a apresentação de repentistas, que inclusive podem transformar a feira num atrativo turístico.
- Melhorar a estrutura nos locais onde se realizam as feiras.
- Padronizar as barracas.
- Fornecer água de adequada para manipulação de alimentos e consumo humano.
- Reformar ou implantar instalações sanitárias para feirantes e consumidores.
- Colocar recipientes para coleta de lixo.
- Coletar o lixo ainda durante o funcionamento da feira.



- Reforçar a segurança para feirantes e consumidores, especialmente, nas grandes cidades.

6. Considerações finais

Diante das novas exigências do consumo moderno, a simplicidade e a precariedade das feiras livres podem ameaçar a sua sobrevivência. O ponto crítico desse comércio está relacionado a problemas higiênicos, fato que demanda capacitação dos feirantes para manipularem alimentos.

Comparando a modernidade dos grandes varejistas com as condições de trabalho das feiras, é inevitável percebê-la como modelo de comercialização ultrapassado e decadente. Entretanto, se observada sob outros aspectos, a feira livre revela-se um espaço de grande complexidade e fomentador de desenvolvimento local.

O universo da feira não se limita à execução de transações comerciais, nela, as tradições locais são reproduzidas e valorizadas. Diante de modelos econômicos promovedores de exclusão social, a feira gera muitas oportunidades de trabalho, embora seja uma atividade de baixa lucratividade. Uma vez que a feira encontra-se limitada ao âmbito da economia de subsistência, o trabalho ofertado é informal, desgastante e de baixo rendimento.

7. Referencias bibliográfica

CAPISTRANO, D. L.; GERMANO, P. M. L.; GERMANO, M. I. S. Feiras livres do município de São Paulo sob o ponto de vista legislativo e sanitário. **Revista Higiene Alimentar**, São Paulo, v. 18, n. 116/117, jan/fev. 2004.

DOLZANI, M. & JESUS, G.M. **O direito a cidade: cem anos de feira livre na cidade do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://www.uerj.br>>. Acesso em: 05 fevereiro 2006.

NASCIMENTO, H. O. **As interações comerciais da Empasa – Campina Grande: produção de espaço, redes e consolidação dos territórios**. Dissertação (mestrado em geografia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju 1999.

MOREIRA, V. D. Projeto memória da feira livre de Feira de Santana. **Sitientibus**, Feira de Santana, p. 205-215, n. 14, 1996. Disponível em: <<http://www.uefs.br/sitientibus>>. Acesso em: 06 março 2006.

OLIVEIRA, S. P. et. al. Condições higiênico-sanitárias do comércio de alimentos do município de Ouro Preto, MG. **Revista Higiene Alimentar**, Ouro Preto, v. 19, n.136, out. 2005.

RIBEIRO, E. M. et al. Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro. **Agriculturas**, v. 2, n. 2, jun. 2005.

SANTOS, M. **O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SILVA, M. R **Você já foi a Feira Livre?** Disponível em: <<http://informatica.terra.com.br>>. Acesso em: 22 março 2006.

VASQUEZ, F. Feira livre é vantagem para produtores e consumidores. **Revista da EMATER-MG**, p. 32, dez. 2003.



XLIV CONGRESSO DA SOBER
“Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”.

VIEIRA, R. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá.** 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do Curso de Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.